



A MEMÓRIA NO CAMPO DA FICÇÃO: REPRESENTAÇÕES DO CORPO NEGRO EM CEMITÉRIO DOS VIVOS

Elder Bruno Fernandes Pereira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: eldergbi@gmail.com

Marcello Moreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

392

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por objetivo apresentar um caminho reflexivo, marcado pelo esforço de pensar os conceitos de memória e representação a partir da ideia de etnicidade expressa na obra de Lima Barreto intitulada *Cemitério dos vivos*. A referida obra é vista aqui como uma maneira de rerepresentar a realidade por meio de uma coisa ficta. Os seus sentidos e significados traduzem a possibilidade do transitar entre diferentes conjuntos simbólicos imaginativos, ainda que eles dialoguem com questões socioculturais do seu tempo. Desse modo, a narrativa proposta em uma obra literária não deve ser vista como um espelhamento do real, pois o real não se duplica na ficção. A conjuntura simbólica manifesta em um romance é resultado de um complexo jogo que entremeia manifestações do imaginário influenciado por diferentes formas de ver o mundo. Essas representações, que ordenam, atribuem e validam o sentido das coisas no mundo, assumem diferentes formas com o passar do tempo. Isso porque a sua base referencial é constantemente rearranjada, pois seus caminhos são traçados a partir dos resultados de constantes confrontos entre as diferentes formas culturais de ver o mundo. A produção de sentido se dá de modo a validar o conjunto simbólico que favoreça a narrativa da cultura dominante. Assim sendo, a obra de Lima Barreto “*Cemitério dos vivos*” pode ser entendida, também, como lugar de representações e memórias ligadas, dentre outras temáticas, a etnicidade.

METODOLOGIA

Para analisar a obra de Lima Barreto “*Cemitério dos vivos*” como lugar de representações e memórias ligadas a etnicidade, empenhamos um esforço de buscar



compreender a construção da narrativa a partir do horizonte de possibilidades dentro de um contexto de sedimentação da memória social, tendo por base os estudos de Pierre Bourdieu (1989) e Halbwachs (2004). A partir dos estudos de Roger Chartier (1990), buscamos entender o estatuto ontológico da representação, interrogando o que é a representação na literatura e a literatura como representação.

DISCUSSÃO

Lima Barreto, durante a sua segunda internação no Hospício Nacional de Alienados, registrou importantes “observações interessantíssimas para escrever um livro sobre a vida interna dos hospitais de loucos (BARRETO, 1956, p. 258). Acontece que o romance pretendido, *O cemitério dos vivos*, ora carregado com elementos autobiográficos e de ficção, ficou inacabada em decorrência da morte do seu idealizador, no ano de 1922. Entremeando a memória com a ficção, o romance traz um protagonista, Vicente Mascarenhas, que compartilha características que se assemelham as do seu idealizador. Ambos negros, pobres, trabalharam como funcionário público, nutriram o sonho de serem reconhecidos como grandes escritores e viveram problemas com o alcoolismo que, por fim, os levaram a sofrer internações no manicômio. A narrativa do romance *Cemitério dos vivos* é feita em primeira pessoa, por meio do personagem principal. O personagem narrador discorre sobre suas memórias se valendo de um discurso não linear, permeado por idas e vindas. Nesse ir e vir ficcional, o autor tece sólidas críticas a lógica sociocultural e política vigente na época, em especial com relação ao apregoado pelo cientificismo do século XIX com relação a questão étnica.

A literatura ficcional autobiográfica se vale de uma ferramenta poderosa para proposição de críticas e reflexões referentes ao contexto sociocultural e política de uma época. O contexto temporal da obra *Cemitério dos Vivos*, e aqui nos referimos tanto ao momento de sua escrita quanto ao tempo histórico em que se dá sua trama, é o Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX, período esse marcado pelo declínio da República Oligárquica na política brasileira, a vigência do cientificismo que validava conceitos ligados ao determinismo biológico em desfavor dos negros, a existência de uma política higienista que atuava a luz da conveniência do Estado que exercia um controle social conduzindo, por exemplo, aos manicômios, além dos portadores de doenças mentais, os alcoólatras, os tuberculosos, os leprosos, presos políticos, etc.



Analisar o contexto em que uma obra foi escrita, se valendo do ponto de vista da história cultural, tal como entendida por Chartier (1990), é ter como principal prerrogativa identificar como estava organizada a realidade cultural que a circundava. Para ter em mente as formas como as representações se manifestavam, enquanto ações práticas e simbólicas, é preciso compreendê-las na forma em que elas estavam inseridas “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 1990, p.17). As implicações impostas ao corpo negro, tal como colocado na obra de Lima Barreto aqui analisada, evidenciam a existência de uma hierarquização e categorização da questão étnica. Partindo dessa constatação é possível pontuar alguns caminhos de reflexão como, por exemplo, o tratar a pertença étnica como um estigma. Segundo Goffman (2008) estigmas são características que diferem daquilo que é tido como ideal, desejável e bem-visto dentro de uma determinada conjuntura sociocultural. Uma vez que a pessoa é enquadrada dentro de uma categoria de estigma, no caso em questão o de ser negro ou mestiço em uma cultura que categoriza a origem étnica em benefício aos brancos, lhe é atribuída uma identidade pressuposta na qual ela passa a ser vista por uma expectativa generalizante (GOFFMAN, 2008). Tanto no Diário do hospício quanto no Cemitério dos vivos, é evidenciado como a ordem social vigente da época, historicamente constituída, impõe significados que regulam os ditames de como os diferentes corpos deveriam ser tutelados pelo Estado. Daí a explicação do porquê de alguns corpos serem abordados com violência e outros não, do porquê corpos negros, mestiços e periféricos estarem sujeitos a internações forçadas em um manicômio, ainda que não sejam portadores de doenças mentais.

Intencionando alcançar uma maior profundidade nas discussões sobre as complexas dinâmicas referente a representação enquanto conceito, sem perder de vista de que se trata de uma narrativa ficcional, acreditamos que seja profícuo realizar um exercício reflexivo acerca de uma possível conjuntura subjetiva do personagem principal, o Vicente Mascarenhas. Partindo do pressuposto de que o indivíduo seja, por essência, um ser social, sua estruturação cognitiva, construções subjetivas e objetivas, suas reflexões não são dadas espontaneamente, como uma condição inata. Tudo isso é construído a partir da dialética entre a internalização particular do social (BOURDIEU, 1992). Logo, compreender como se constitui o simbólico a partir de sua concepção histórica corrobora na compreensão da estruturação moral e comportamental dos sujeitos. Para Bourdieu (1989, p. 9) “os sistemas simbólicos como instrumento de

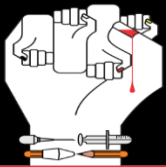


conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados, sendo um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem”. Os símbolos são os instrumentos, por excelência, da integração social enquanto fontes de conhecimento e de comunicação. Eles tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo social, a integração lógica e a condição da integração moral (BOURDIEU, 1989). Claro que esse consenso é submetido a constantes disputas pela legitimidade.

Para Halbwachs (2004) a memória não tem uma autonomia nem individual e nem metafísica. Ela depende dessa conjuntura relacional dos elementos constitutivos da organização social, que são os marcos sociais. Ainda segundo Halbwachs (2004) não podemos pensar memória fora da sociedade, pois ela opera com as condições sociais e materiais que convivem, não estando a parte das relações sociais e seus marcos morais, comportamentais, simbólicos, etc. Quanto as ações, ou o modo de ser do sujeito destoam dos referenciais simbólicos validados pelos dogmas político-sociais, ele passa a ser visto e tratado como ameaça a ordem vigente. O personagem Vicente Mascarenhas experienciou a repressão do Estado, em determinados momentos, por nele ser identificado estigmas por conta, dentre outros, de sua condição étnica, econômica e social. Em ocasião do seu internamento forçado no hospício, o personagem relata sobre a ação controladora do Estado para com quem não se enquadrava em um repertório idealizado. Diz ele que “a polícia, não sei como e porque, adquiriu a mania das generalizações, e as mais infantis. (...) todo cidadão de cor há de ser por força um malandro; e todos os loucos hão de ser por força furiosos e só transportáveis em carros blindados” (BARRETO, 2010, p. 177).

A representação do negro, como já dito aqui, é dada como construção histórica na qual grupos sociais buscam dar sentido ao mundo que os circundam. A esse respeito, Chartier (1990, p.17) nos diz que:

As representações do mundo social assim construídas, (...) são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso está investigação sobre as representações supõem como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos



de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Tendo a supracitada reflexão de Chartier é possível dizer que a representação pode ser pensada por sua especificidade, uma vez que ela não é vista como universal, pois remetem a grupos sociais específicos; por seus efeitos políticos e simbólicos em uma cultura, pois se valem como ferramentas nas concorrências, ou disputas, entre diferentes grupos; e por ser uma construção coletiva que influencia ao passo que é influenciada pelo comportamento dos indivíduos.

CONCLUSÃO

O presente estudo, portanto, apresenta uma possibilidade reflexiva para se pensar a memória a partir dos conceitos de representação e etnicidade associadas a narrativa de Lima Barreto em sua obra *Cemitério dos vivos*. Uma série de significados são atribuídos ao corpo negro, sendo-lhe atribuídos prerrogativas que não condizem com a realidade objetiva. As conjunturas simbólicas manifestadas pelas representações implicam em ações políticas que, em uma constante espiral de conflitos, visam coibir, ou silenciar, vozes que delas destoam.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Corpo negro. Representação.

REFERÊNCIAS

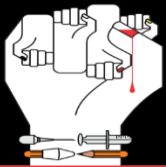
- BARRETO, L. *Diário do hospício e cemitério dos vivos*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- BARRETO, L. *O cemitério dos vivos: memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Realização:



Apoio:



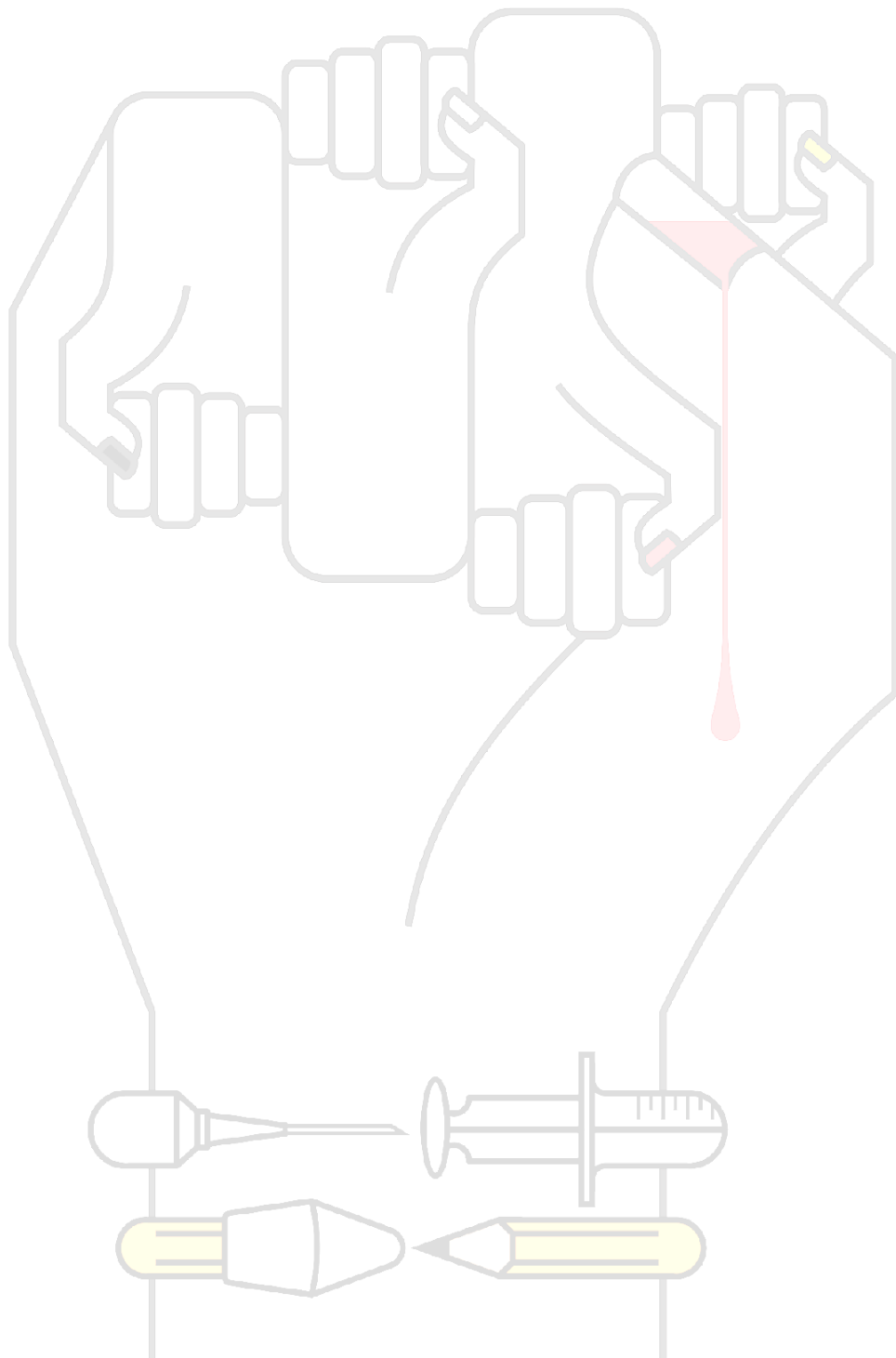


CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Ed. 2. Lisboa: Difel, 1990.

GOFFMAN, E. *Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALBWACHS, M. *Los Marcos Sociales de la Memoria*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 2004.

397



Realização:



Apoio:

